

## **José António Coelho**

José António Coelho nasceu em uma pobríssima aldeia do concelho de Pedrógão Grande, na Província da Estremadura, a 25 de Novembro de 1829.

Seus pais viviam da pequena lavoura e de um negócio ambulante mais pequeno ainda, em que empregavam os intervalos de ócio que lhe deixavam o amanho das suas terras.

Nem havia na aldeia mestre a quem confiassem a educação do filho, nem lhes sobrava para isso meios de fortuna, que tão escassa e agreste lhes era a eles, pobres trabalhadores de aldeia.

Não obstante estas dificuldades todas, José António Coelho recebeu na idade própria as primeiras noções de leitura e escrita de um professor particular que havia a uma légua de distância, a qual o rapazinho vencia diariamente da melhor vontade na ânsia de adquirir alguns conhecimentos úteis.

Entretanto, e desde tenra idade, sempre que o pai deixava a sua aldeia para empreender alguma excursão às terras em que ia fazer negócio, o pequeno José lá ia também com ele para o acompanhar e ajudar conforme lho permitiam os seus recursos e as suas aptidões.

Nesta vida, sem outras aspirações nem melhores horizontes, passaram os mais belos anos da existência de José António Coelho.

Entrava nos dezoito quando as circunstâncias variaram, vindo quebrar a união destes laços de afectos íntimos em que se prendia a alma do moço aldeão à sua terra e à sua família.

O primeiro acto do drama da existência dele acabava de findar ao sopro fatídico da desgraça que feriu os seus.

O seguinte devia representar-se já noutra cena e noutros hemisférios.

As calamidades públicas, que assinalaram o ano de 1848 na historiada pátria, tão repetidamente convulsionada pelas incessantes lutas civis, não pouparam a pobre e humilde aldeia do concelho do Pedrógão Grande e entre as vítimas da crise desses tempos calamitosos, foi das mais pronunciadamente assinaladas, o pai de José António Coelho, obrigado a abandonar o seu pequeno negócio, assoberbado por dívidas que o tornavam por assim dizer insolúvel.

Nessa ocasião aflitiva em que uma numerosa família se encontrava de súbito privada de recursos, sem saber para que apelar, sentindo na alma o desânimo a entregá-la quase de braços cruzados nos regaços negros da fome, a negra fome que definha a vítima lentamente antes de a prostrar pela morte, foi, repetimos, nessa ocasião extrema, dolorosa, incompreensível mesmo aos que não viram de perto a desgraça e com ela se familiarizaram, que José António Coelho tomou a deliberação de ir para o Brasil.

Compreende-se nesta situação o que há de angustioso, o que há de cruel na ideia da separação de um filho dos braços de uma mãe e de um pai extremoso, dos açoites pelo infortúnio que torna mais vibrantes as fibras do sentimento!

Compreende-se bem que negra e pavorosa ideia é a dessa separação forçada e o desespero louco que a dita como produto de uma alucinação suprema.

Pobres pais!

Sem fortuna, sem terras e sem filho! O filho mais velho, um filho de 18 anos, a menina dos seus olhos, a companhia do pai, o enlevo da mãe, toda a orgulhosa recordação de um passado de amor, de mocidade, de límpidos horizontes e de alegrias íntimas e despreocupadas das visões de um futuro em que nem sempre se pensa quando se ama e quando se é feliz!

E aquele filho era para eles tudo isso!

Todavia a separação tornava-se um decreto do destino, ela era a única solução, ou antes a única esperança que restava a essa família para conjurar as dificuldades que a assoberbavam. Assim, aquele filho que tomava a nobre resolução de ir *ganhar dinheiro* para desempenhar seus pais e proporcionar-lhes mais desafogados meios de vida, como tantos outros que nas circunstâncias dele vão para o Brasil, constituíra-se desde esse momento a providência dos seus.

Deixava de ter um talher na mesa comum para ter uma adoração; o seu espírito ficava ali, tão vivo e realmente representado no coração de todos como se presente fosse no corpo que lhe é invólucro.

Esse, recebida a unção das lágrimas da que o gerara, lá vai por esses mundos fora, a pedir trabalho, levando uma alma nova, que é a que lhe dá a compreensão dos deveres a que se obrigou, e da nobreza de seu propósito, alma levantada e sofredora a um tempo, ativa e resignada por igual, em que jamais haverá um transporte de júbilo íntimo, que não vá reflectir a pálida sombra de uma saudade que não morre e que a ausência da pátria mais aviva e fortifica. O destino não soube iludir tão generosas aspirações.

Foi justo entre tantas vezes que há sido cruel, despótico e bárbaro.

Não quero dizer com isso que fosse pródigo em seus favores para com ele, degradado voluntário da família, pelo amor imenso dessa mesma família.

José António Coelho, pouco tempo depois de estar no Brasil começou a auxiliar o pai com o produto santo das suas pequenas economias de caixeiro.

Mais tarde, onze anos depois, tendo-se estabelecido em 1859, conseguiu estabelecer uma mesada certa a seus pais a qual lhes garantia decentemente, sem privações, a existência, e punha a velhice, em que eram entrados, ao abrigo das contingências da fortuna.

Dessa mesada ainda hoje participam duas irmãs de José António Coelho, que já não têm a fortuna de ver seus pais vivos.

E porque o ídolo desse homem fosse a família, ele quando se estabeleceu não se limitou unicamente a garantir-lhes um pedaço de pão, quis à sua pequena fortuna associá-las igualmente.

Nesse propósito mandou ir da terra dois irmãos seus mais novos e logo que pode estabeleceu um deles.

Esse irmão faleceu em 1873 deixando a viúva e 6 filhos, que José António Coelho tomou sob a sua protecção, mandando educar os órfãos, hoje empregados no comércio, e metendo a cunhada, porque enlouquecera, num hospício de alienados, aonde ainda agora permanece a expensas suas.

Por essa época, 1873, já ele havia abandonado o comércio, em que nem sempre fora feliz, para se dedicar a outro género de negócio, que se lhe afigurou mais lucrativo, o de empreitadas de estradas de ferro, em que se tornou notável, pois, desde 1869 até hoje, tem sido empreiteiro na maior parte das estradas de ferro da Província de S. Paulo, e ainda agora, actualmente, da importante estrada em construção no Rio Grande do Sul, sem querermos falar de outra em que há prestado serviços no Paraná.

Dotado de uma actividade e energia que os anos parecem querer avigorar, José António Coelho, assim como se transforma de comerciante em empreiteiro de estradas férreas, faz-se por igual processo industrial, ou antes cria uma indústria, ressuscita-a, ou para melhor dizer implanta-a.

É nesta metamorfose que o seu génio empreendedor e o seu espírito imaginoso se afirmam à evidência.

Havia nos subúrbios da cidade, em ruínas e ao abandono, um edifício em que funcionara em tempos uma fábrica de curtumes.

Há oito anos que o proprietário da fábrica morrera e com ele a pequena indústria, que mal conseguira implantar na cidade.

José António Coelho empreendeu restaurar a fábrica e pô-la a trabalhar.

Fácil tarefa para qualquer outro indivíduo que percebesse alguma coisa daquele ramo de indústria.

Mas o nosso José António Coelho, já um empreiteiro de estradas, tinha muitas aptidões demonstradas praticamente, para o empreendimento dessas obras, mas, para montar fábricas de curtumes, nenhuma!

E pior do que isso não havia na cidade ninguém que o pudesse auxiliar ou dirigir.

De curtumes em S. Paulo todos sabiam tanto como ele, que era coisa nenhuma, ignorância completa e absoluta.

A diferença é que a todos, com excepção dele José António Coelho, o facto de não entender de curtumes, era coisa indiferente.

Mas a ele não, e por isso aí o vemos à procura de livros que lhe digam alguma coisa do que deseja e precisa saber sobre o assunto.

Neste intuito põem-se os livreiros em movimento, escrevem aos correspondentes, e os livros desejados começam a aparecer.

Mas, oh! decepção, oh birra quizilenta, esses livros são todos em francês, uma língua que era ao nosso biografado tão desconhecida como os processos de curtume, de que deseja inteirar-se.

Outro qualquer teria desistido perante o impraticável da empresa, ele não.

A circunstância dos livros serem em francês, trouxe-lhe uma outra necessidade e um outro desejo, saber francês, traduzi-los.

Procurar mestres e familiarizar-se até esse ponto com a língua de Lamartine, era processo demorado e ele carecia de resolver logo ali de momento o problema; daí o tempo é dinheiro e quanto mais se demorasse em preliminares mais perdia.

Muniu-se de dicionários, agarrou-se aos livros e, palavra aqui, palavra ali, foi reconstruindo os períodos, conhecendo-lhes o sentido e fazendo uma ideia do que desejava — um trabalho insano, mas em fim um trabalho que se viu.

A fábrica reedificou-se, o maquinismo pôs-se em movimento, e tudo isto sob a direcção e vigilância permanente de José António Coelho, graças ao seu dicionário e à sua boa vontade.

E em pouco funcionava a fábrica: um verdadeiro prodígio.

Era uma vitória, mas não era ainda um triunfo decisivo, porque a sola não era conhecida nem tão pouco a sua boa qualidade a recomendava.

A luta continuava pois, mas sob uma face nova.

Os primeiros anos foram consagrados ao estudo dos diversos processos e ao ensaio do fabrico; mais tarde ao aperfeiçoamento de uns e outros.

Depois foi pouco a pouco desenvolvendo-se o consumo pelo aumento das procuras, e agora a fábrica de José António Coelho é uma das mais importantes do império.

O seu movimento vai aumentando de ano para ano, conseguindo actualmente curtir cerca de mil couros por mês, o que é ainda insuficiente para satisfazer grande parte das encomendas que tem.

Os lucros desta indústria, que José António Coelho ressuscitou, são muito regulares, o que ele próprio não oculta.

O estabelecimento está montado com os maquinismos mais modernos e tem capacidade para maior desenvolvimento de trabalho; emprega diariamente cinquenta e tantos operários, e pode-se afiançar que está a par dos primeiros do seu género de indústria.

José António Coelho gasta mais de trinta contos de reis todos os anos na compra de casca das árvores para empregar no curtume.

Esta verba importante espera ele em menos de cinco anos economizar em grande parte.

E querem saber porque processos.

Mandando plantar, como ultimamente fez, perto de um milhão de eucaliptos nos terrenos adjacentes à sua fábrica, os quais lhe prometem a casca suficiente para o seu fabrico.

José António Coelho tinha lido num jornal da Europa que a casca do eucalipto era excelente para curtir.

Ler isto e ensaiar o processo indicado foi obra dum momento; adquirida a confirmação do facto indicado pelas provas práticas obtidas, para logo resolver o empreendimento da grande plantação em que agora está empenhado.

Quando a fortuna sorri a homens destes é uma justa compensação do céu.

José António Coelho vai nos cinquenta e cinco anos de idade, mas conserva ainda, como se vê, toda a energia e toda a boa vontade dos seus primeiros anos.

Nenhum dos revezes da vida, porque os há sofrido a todos com a maior coragem e conformação, conseguiu cravar uma ruga sequer naquela fronte aberta e agradável, na qual parece ter a imagem do bem impresso o seu cunho indelével.

José António Coelho, cujo retrato moral se evidencia pelos actos da sua vida, é uma fisionomia simpática e atraente.

Vê-lo é estimá-lo, estimá-lo é satisfazer um impulso natural e irresistível, que nos deixa a consciência cheia de satisfação.

Publicando o seu retrato, seguido destas ligeiras notas da sua vida obscura, obedecemos aos impulsos dessa vontade instintiva, desejando não privar o leitor do prazer que experimentámos a ver o retrato deste patriota benemérito e deste cidadão que nos honra pelas suas qualidades de espírito e de coração.

Leite Bastos *in* Galeria Photographica-Biographica Luzo-Brazileira  
Lisboa, 1884.